



ENSINAR NA PANDEMIA: DILEMAS ATUAIS DA DOCÊNCIA

Lucas de Vasconcelos Soares¹
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares²
Dinair Leal da Hora³

A docência não é vocação, sacerdócio e [...] uma ação instintiva. É uma atividade profissional realizada por indivíduos concretos, em um determinado tempo e espaço que constituem um contexto que se relaciona com outros contextos, sofrendo influências externas e também com possibilidades de exercer influência, seja sobre as pessoas ou mesmo em coletivos, dado o seu potencial criativo e transformador (COLARES, 2018, p. 31).

O enunciado em destaque é empregado para conceituar o objeto central do estudo: a docência. Termo também compreendido como o ato de ensinar, ministrar aulas, exercer o magistério, relacionado à atuação própria do ser professor.

No Brasil, os primeiros passos da Educação, advindos com a chegada dos Jesuítas e sua extensão ao longo dos anos, perpassando por inúmeros períodos históricos, teorias pedagógicas e procedimentos metodológicos, chegando, na atualidade, às novas exigências em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, o profissional docente enfrenta inúmeras mudanças em sua prática pedagógica, desde a incorporação de novas exigências governamentais em seu trabalho até os efeitos da própria realidade em constante transformação. Tais modificações incutiram a ideia de que “[...] Ser professor passa a pressupor um profissional atualizado, estudioso, dinâmico [...]” (SOUZA, 1998, p. 206).

Mediante a importância e o papel desempenhado por este profissional, é válido destacar que fazer docência no Brasil torna-se um complexo desafio,

¹ Pedagogo e Mestrando em Educação - UFOPA. E-mail: lu.cas.soares@bol.com.br.

² Profa. Dra. Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA E-mail: lilia.colares@hotmail.com.

³ Profa. Dra. Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: tucupi@uol.com.br



uma vez que o conjunto de políticas públicas e realidades educacionais mostram-se ineficientes, inviabilizando a garantia do padrão de qualidade no ensino, resultante de atuações governamentais imbuídas por preceitos mercadológicos.

O advento de uma crise mundial e na adoção de medidas de isolamento social, provocadas pela pandemia da Covid-19, o exercício da docência fica comprometido, já que “A pandemia [...] abala a dinâmica da escola: seu sentido baseado na convivência e compartilhamento de ideias e saberes, na transmissão de conteúdos consolidados e conduzida por práticas seculares encontra-se revirado [...]” (SANTANA FILHO, 2020, p. 5). Assim, as atividades são interrompidas para alguns (especialmente na rede pública), enquanto que para outros opta-se pela continuidade das rotinas educacionais (realidade comum na rede privada), por um formato equivocado de Educação a Distância (EaD), ao qual Santana Filho denomina de um “arremedo de proposta pedagógica”, entendendo que:

A urgência para que [...] os professores [...] realizassem a transposição de seus planejamentos para plataformas virtuais [...] conduz à reprodução pura e simples da exposição oral presencial para a repetição à distância das explicações e exercícios. É um arremedo de proposta pedagógica [...] porque a prática educacional à distância [...] exige que se repense a concepção de aprendizagem, da ação pedagógica, do currículo e dos próprios sujeitos do processo e não se constrói assim, de improviso (2020, p. 6).

Sob essa perspectiva, este estudo visa analisar práticas e desafios de uma docente, em exercício durante a pandemia, atuante na Educação Básica, em uma instituição da rede privada de ensino. As análises são fruto de uma pesquisa de campo, contemplando o uso de levantamento bibliográfico e aplicação de entrevista semiestruturada. Das discussões obtidas, organizaram-se três eixos centrais:

Do perfil à percepção docente:



A profissional entrevistada possui uma experiência de doze anos como professora da Educação Básica (na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental), estando, atualmente (2020), lotada em uma turma do 4º ano em instituição evangélica, da rede privada de ensino. No decorrer da pandemia, a escola decidiu pela continuidade das aulas, como a alternativa mais viável para que os alunos não ficassem prejudicados no processo ensino-aprendizagem, promovendo a (re)organização de práticas e processos pedagógicos desta docente.

Para a entrevistada, a migração do ensino presencial para o modelo EaD constitui triplo desafio: positivo no sentido de fazer com que *“as crianças não percam o foco nos estudos”*, porém, *“gera uma situação desconfortável para os pais que ainda precisam trabalhar fora de casa nesse período e não conseguem acompanhar os filhos”* (Docente A, 2020), além da incorporação docente no contexto tecnológico, até então, pouco explorado pela profissional.

O depoimento da entrevistada denuncia um sério problema do modelo de ensino a distância adotado, sem o devido acompanhamento, podendo levar os alunos, no manuseio da *Internet* e seus recursos, a caminhos equivocados e até perigosos no ambiente virtual, como, por exemplo, acesso a informações que contenham inverdades, até disponibilidade de pessoas mal-intencionadas, já que nem sempre a rotina de trabalho de seus familiares possibilita um acompanhamento mais próximo.

As dificuldades no uso dos recursos tecnológicos *“na prática, fere a docência [...] que, não dominando devidamente aparatos de tecnologia, são conduzidos a trabalhar mais horas improvisando apresentações [...]; a expor sua prática [...] em um ambiente totalmente novo, suas fragilidades [...]”* (SANTANA FILHO, 2020, p. 6), já que se observa *“[...] a ‘modernidade’ tecnológica servindo para reforçar o que há de mais arcaico pedagogicamente [...]”* (SOARES, 2020, p. 8).

Dos procedimentos metodológicos do ensino:



É válido destacar que para o ensino a distância funcionar é necessário que os usuários disponham de equipamentos tecnológicos e acesso à *Internet*, realidade visível aos estudantes da referida escola. Diferentemente, parte dos alunos do ensino público não dispõem das mesmas condições. Desse modo, quanto às tecnologias utilizadas pela docente, destaca-se o uso do computador e celular, em aplicativos como o *PREZI*⁴, empregado na elaboração de apresentações digitais dos conteúdos curriculares, e *Whatsapp* com a possibilidade de “*tirar dúvidas através de ligação por vídeo e troca de mensagens de texto e áudio*” (Docente A, 2020).

Quanto aos procedimentos de ensino, tem se efetivado a transmissão de conteúdos e a realização de perguntas para os estudantes, uma forma de verificar a assimilação destes. Portanto, o novo formato EaD, em sua recente incorporação, tem se firmado na condição de mera reprodução de conteúdos. Além disso, “a saída apressada por atividades educacionais *online* impõe uma expectativa exagerada sobre a capacidade de ação das famílias: elas, além de ter que sobreviver ao vírus precisam arquitetar a escola domiciliar [...]” (SANTANA FILHO, 2020, p. 11).

Dos desafios às novas realidades na educação:

Quanto aos novos desafios sobrepostos na docência, mediante o modelo de ensino EaD, a entrevistada afirma que “[...] *não tem sido nada fácil, isso me causou ansiedade*” (Docente A, 2020) perante o medo do fracasso e da extensa responsabilidade em ensinar, fazendo com que os estudantes absorvam estes conhecimentos de forma exitosa. Além disso, a docente vê-se coagida por conta do acompanhamento de alguns pais sobre o que está sendo transmitido nas aulas, o que não ocorre no ensino presencial. Todavia, a questão central que se coloca é: “Essa educação formará um ser humano capaz de conviver com a diferença, o cuidado de si e de outro, do planeta-

⁴ Software que permite a criação, organização e exibição de apresentações no formato de Slides.



casa? A resposta, ao menos hoje, é um desalento [...]” (SANTANA FILHO, 2020, p. 14).

No *locus* da nova realidade docente, a rotina da entrevistada justifica-se em repetidos exercícios de preparação de materiais didático-pedagógicos, tendo que “[...] gravar vídeoaulas sem experiência ou equipamentos apropriados” (Docente A, 2020), evidenciando um cenário de limitações, ausência de subsídios e múltiplas exigências na atuação profissional, clareando um entendimento de que “[...] o professor [...] está coagido, [...] submetido à constante vigilância e controle das secretarias de educação, das direções das escolas e dos pais” (SOARES, 2020, p. 9).

Indubitavelmente, estamos diante de uma dicotomia na educação escolar, principalmente, daqueles ainda em atividades durante a pandemia: de um lado, as expectativas dos estudantes e de seus familiares; do outro, as fragilidades e desafios da atuação docente e a incorporação de suas práticas nas tecnologias disponíveis, momento de tensão e desencontros na função educativa.

Para Colares (2018, p. 32), apesar de que “os problemas são muitos [...], mas nossa capacidade de enfrentamento é maior”, possível desde que “estejamos fortalecidos pela reflexão coletiva respaldada em concepções de educação que orientem o desenvolvimento docente e sua intervenção na realidade”. Afirmamos ainda que a experiência na EaD no modelo adotado, em tempos de pandemia, tem proporcionado algum tipo de aprendizado na docência, profissionais incumbidos da tarefa de ensinar, desafiando-os ao uso e incorporação de novas metodologias e processos educacionais, superando seus medos. Portanto, dado o momento difícil que vivemos, tem sido valioso para ratificar a valorização da função docente como um elemento fundamental na sociedade em crise.

Referências bibliográficas

COLARES, A. A. A Educação Superior e os desafios da prática docente. **Revista Exitus**, v. 8, n. 1, 2018, p. 17-33. Disponível em:



<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/404>Acesso em: 15 mai. 2020.

SANTANA FILHO, M. M. D. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020, p. 3-15. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50449/0>Acesso em: 17 mai. 2020.

SOARES, S. B. V. Coronavírus e a modernização conservadora da Educação. In: SOARES, S. B. V. *et al* (Org.). **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Editora Terra Sem Amos, 2020, p. 5-14.

SOUZA, R. F. **Templos de Civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.